

As transformações no mercado de trabalho no Brasil: reflexão sobre a atividade turística

MURILO SAES DA CRUZ* & PEDRO GOUVEIA JUNIOR**

Resumo: O turismo é hoje uma das atividades econômicas de grande expansão em escala mundial. A própria Organização Mundial de Turismo (OMT) incentiva e tenta direcionar a atividade para o desenvolvimento de áreas com potencial turístico. Sendo o emprego no setor turístico muito relacionado à mão de obra humana, ao mesmo tempo em que gera grande expectativa quanto ao número de ocupações, é preciso levar em consideração as condições e processos presentes nesta atividade, bem como analisar as atuais relações trabalhistas do setor, levando-se em consideração as condições de trabalho (formal e informal) e as especificidades do mesmo. Neste artigo, buscou-se comentar sobre as mudanças no mundo do trabalho e as ocupações no turismo, marcadas pela precarização nas relações trabalhistas, devido à informalidade e sazonalidade.

Palavras-chave: precarização do trabalho; informalidade; sazonalidade; turismo.

Abstract: In the current days tourism is one of the great expansions of economic activities worldwide. The own World Tourism Organization (UNWTO) encourages and tries to direct the activity to the development of areas with tourism potential. As employment in the tourism sector closely related to human labor, while generating high expectations on the number of occupations, one must take into account the conditions and processes present in this activity, the analysis is valid on the current labor relations sector, taking into account the working conditions (formal and informal) and the specifics of it. We tried to comment on the changing world of work and occupations in tourism, marked by precariousness in labor relations, due to seasonality and informality.

Key words: precarious work; informality; seasonality; tourism.



* MURILO SAES DA CRUZ é Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).



** PEDRO GOUVEIA JÚNIOR é Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

Com o avanço da tecnologia e a facilidade dos transportes, durante todo o século XX, o turismo cresceu vertiginosamente como uma das principais atividades de lazer e negócios em todo o mundo. Atualmente, no Brasil, o turismo se apresenta, no que diz respeito às políticas públicas e ao discurso hegemônico, como um dos principais agentes da integração nacional e da redução das desigualdades sociais. No entanto, assim como toda atividade do modo de produção capitalista, o turismo é excludente e gera a exploração do homem pelo homem. A riqueza, fruto do trabalho social, é apropriada por poucos. Ainda em seu bojo, o turismo carrega uma perversidade peculiar, pois sua propaganda e seu apelo falseiam um benefício de conjunto, um progresso para todos aqueles que participam do processo, enquanto a realidade mostra a destruição dos locais.

Referencial teórico

A análise das características do mercado de trabalho no turismo brasileiro deve contemplar seus diversos fatores e impactos, considerando as condições de trabalho e os fatores históricos de seu desenvolvimento. É de fundamental importância compreender a atividade turística como um fenômeno social, que pode ser analisada mediante as determinações econômicas, políticas e sociais ao qual se insere (SANTOS FILHO, 2009). Desta maneira, o turismo deve ser encarado como uma atividade capitalista, inserida na divisão internacional do trabalho, bem como no desenvolvimento desigual e combinado ao qual responde às crises globais do capital e as mutações da economia de mercado na economia capitalista, e nesta lógica mercadológica, o turismo propicia a exploração e a acumulação

nos moldes capitalistas conforme salienta Coriolano (2006). Segundo Marx (1996):

“Em primeiro lugar, o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista.”

Nesta concepção, a análise do mercado de trabalho no turismo brasileiro não pode ser feito mediante números absolutos de geração de emprego e fluxos de capital, pois seria uma simplificação das reais características existentes nessa atividade. É preciso indagar as reais contradições ao qual o turismo está inserido e analisar a exploração da força de trabalho do proletariado no setor.

Mercado de trabalho e informalidade

No processo de desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, a sociedade contemporânea experimentou mudanças no processo produtivo e de acumulação de capital, marcadas pela onda neoliberal em seu contexto global. A acumulação flexível e a reestruturação produtiva trouxeram mudanças significativas na divisão internacional do trabalho, impulsionando a fragmentação da classe trabalhadora, deixando-a mais heterogênea, e consolidando as características do trabalho neste início de século, marcado pela desregulamentação, flexibilização, terceirização e precarização (ANTUNES; ALVES, 2004; ANTUNES, 2001). Neste processo, constatou-se uma perda significativa de direitos, tornando o trabalho ainda mais precário, por meio das formas de subemprego (informalidade),

terceirização e desemprego (caracterizando e compondo o exército de mão-de-obra reserva), atrelado ao modo de produção vigente (ANTUNES; ALVES, 2004; MARX, 1996).

No Brasil, o aumento do setor informal esteve relacionado tanto pela incapacidade de geração de empregos pelos setores modernos da economia, como ao êxodo rural, onde a massa trabalhadora expulsa do campo aumentou a oferta de mão-de-obra na cidade, pressionando os salários dos que já estavam empregados, já que a oferta superava a demanda. Sob as condições de qualificação e inserção no mercado de trabalho, muitos trabalhadores vindos do campo se inseriam diretamente no setor informal (SOARES, 2005; GONÇALVES; THOMAZ JUNIOR, 2002).

Conforme Correa e Lopes (2009), com a crise do mercado de trabalho que atingiu o Brasil de forma significativa a partir da década de 1990, devido à abertura comercial e financeira e às inovações tecnológicas e organizacionais, as ocupações do setor informal tornaram-se maioria, passando de 40% em 1991 para 59% em 1999.

No turismo, a informalidade se caracteriza pela sazonalidade inerente a atividade, uma vez que a demanda se diferencia ao longo do ano, entre os diversos tipos de turismo. Assim como afirma Ouriques (2008):

“A própria Organização Mundial do Turismo (2001) reconheceu as características básicas da ocupação no turismo: sazonalidade, precariedade, baixos salários. Some-se a isso a informalidade, característica marcante dos mercados de trabalho nas economias periféricas, e tem-se um quadro nada agradável a

caracterizar o turismo, sob essa ótica.”

Diagnosticar a atividade turística relevando-se apenas os dados quantitativos de geração de emprego induz a uma análise parcial da realidade, sendo necessário englobar outros aspectos.

Precarização do trabalho e turismo

De acordo com Cacciamalli (1983) e Soares (2005), o mercado de trabalho formal pode ser definido como aquele que atende as relações contratuais de trabalho e a legislação específica, recolhendo impostos e contribuições previdenciárias e usufruindo da proteção oferecida pelo Estado. O oposto caracteriza o mercado informal, no qual as legislações fiscais e trabalhistas não são cumpridas, sem contribuições previdenciárias, sendo que o trabalhador fica desprovido da seguridade social e sem a definição das horas trabalhadas, descanso semanal remunerado entre outros benefícios.

Devido ao fato da legislação trabalhista no Brasil exigir carteira assinada aos trabalhadores assalariados, convencionou-se atribuir à informalidade o grupo que não possui o registro em carteira, não contribui com a previdência social e que trabalham por conta própria, sendo comum este parâmetro em pesquisas e levantamentos de dados sobre o mercado de trabalho (CORREA; LOPES, 2009).

Segundo Pinto Coelho (2010) e o IPEA (2008), em 2008 as ocupações do mercado de trabalho brasileiro e do setor turístico revelavam a predominância do setor informal, sendo cerca de 51 milhões (62% do total de 82 milhões de ocupações na economia), inseridos na informalidade. No turismo, cerca de 879 mil (43%) eram empregos

formais e 1,158 milhão (57%) ocupações informais.

No entanto, devido a fatores históricos de desenvolvimento, a mão-de-obra informal não se apresenta de forma equivalente nas regiões brasileiras. Em relação às ocupações no setor turístico, as regiões Norte e Nordeste apresentam elevados índices de informalidade, sendo cerca de 72% e 70% respectivamente (PINTO COELHO, 2010; IPEA, 2008).

Conforme Soares (2005), as disparidades entre as regiões ocorrem pela concentração de mão-de-obra formal em núcleos emissores, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, sendo a mão-de-obra informal predominante nos núcleos receptores da atividade turística, como no Norte e Nordeste, devido à dificuldade de qualificação da mão-de-obra e inserção no mercado formal, sendo que, muitas vezes, a atividade informal proporciona ganhos mais elevados no período de alta demanda em relação aos empregos formais. Tal fato expressa as desigualdades sócio-espaciais e a exploração da classe operária, engendradas no desenvolvimento desigual e combinado da economia.

Somados a estes fatores, a sazonalidade do turismo se apresenta como fator inerente, devido à especificidade do setor. A temporalidade da oferta e demanda e a expansão da atividade em áreas periféricas, provoca a inserção de trabalhadores no setor informal, excluindo os benefícios sociais ao qual teriam direito. Desta maneira, estas áreas exploradas pelo capital turístico acabam impossibilitadas para o desenvolvimento econômico, sendo que a maioria dos autóctones não se beneficiam com a atividade (SOARES, 2005).

Considerações finais

A geração de emprego no turismo, tanto informal como formal, não é sinônimo apenas de bons indicadores sociais para as populações. A reestruturação produtiva e o neoliberalismo promoveram mudanças no mundo do trabalho, tanto no turismo como em outras áreas, marcadas pela precarização, flexibilização e terceirização das relações de trabalho.

A informalidade, que é característica da flexibilização e predominante no turismo, tem sido uma forma de conseguir atingir/gerar maior número de empregos, no entanto, esta não pode ser vista como alternativa única e encarada como solução para o mercado de trabalho, uma vez que os impactos na classe trabalhadora são significativos (ausência de direitos trabalhistas e perda da cidadania), contribuindo para a precarização do trabalho no Brasil.

O turismo é sem dúvida um setor que gera empregos, mas ao mesmo tempo é preciso levar em consideração a qualidade destas ocupações, para não cair em processo de subemprego e aumentar as desigualdades sociais. No entanto, as melhorias das condições sociais para a classe operária do setor, apenas será conquistada mediante a luta e organização, assim como os benefícios históricos conseguidos pela massa trabalhadora.

Referências

ANTUNES, R. **Trabalho e Precarização numa Ordem Neoliberal**. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho. [monografia online]. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; 2001. Cap. 2, p. 40-43. Disponível em <http://168.96.200.17/ar/libros/educacion/antunes.pdf>. Acesso em 30.06.2011.

ANTUNES, R.; ALVES, G. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização**

do capital. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v25n87/21460.pdf>. Acesso em 30.06.2011.

CACCIAMALLI, Maria Cristina. **Setor Informal Urbano e formas de participação na produção**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas-USP, 1983.

CORRIOLANO, L. N. M. T. **Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios**. Publicação em evento: América Latina: cidade, campo e turismo. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo, 2006.

CORREA, R. O.; LOPES, J. L. **Mercado de Trabalho Informal: Um comparativo entre Brasil e Paraná numa trajetória de “10 anos”**. In: Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 4., Campo Mourão. **Anais... FECILCAM**, 2009. Disponível em http://www.fecilcam.br/nupem/anais_iv_epct/PDF/ciencias_sociais/11_CORREA_LOPES.pdf. Acesso em 02.07.2011.

GONÇALVES, M. A.; THOMAZ JÚNIOR, A. Informalidade e precarização do trabalho: uma contribuição a geografia do trabalho. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119 (31), 2002. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-31.htm>. Acesso em 29.06.2011.

IPEA. **Estimativas Referentes à Dimensão da Mão-de-Obra Informal nas Atividades**

Características do Turismo com Base nos Dados da PNAD 2006, para o Brasil, Regiões e Estados. 2008. Disponível em http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/estudospesq/turismo/14_estimativas_da_mao_de_obra_informal_do_turismo_maio_2008.pdf. Acesso em 04.07.2011.

MARX, K. **O Capital**. (Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe). São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

OURIQUES, H. R. Turismo em Santa Catarina: notas sobre o mercado de trabalho no setor. **Cadernos de Economia – Cursos de Ciências Econômicas Unochapecó**. Ano 11, Nº 21, 2007.

PINTO COELHO, M. H. **A Ocupação no Setor Turismo e sua Evolução: Um Panorama do Brasil e Regiões**. 2010. Retirado de: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/empreturismo_2010_ocupacao.pdf. Acesso em 22.06.2011.

SANTOS FILHO, J. dos. Questões Teóricas expressam riqueza e pobreza no debate epistemológico do fenômeno turístico: Uma ciência em construção. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 95, p. 1-7, 2009.

SOARES, L. Turismo e trabalho informal: um binômio inevitável?. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, América do Norte, 4, dez. 2005. Disponível em <http://revistaiberoamericana.org/index.php/ibero/article/view/75/1307>. Acesso em 01.07.2011.